

Carolina Paula de Souza*

Havia muitos dias chuvosos na vida daquela menina. Contudo, lembro-me de uma noite chuvosa em especial. Em meio a trovões, um barulho mais seco, intenso e próximo foi ouvido. Um tiro. Não se tratava do primeiro que ouvia, tampouco seria o último. Também não era o primeiro que acertava a estrutura de sua casa; todavia, foi o primeiro a derrubar o alicerce: seu pai.

Os temporais do verão carioca são mais intensos na periferia. É como se o universo pesasse mais as mãos sobre aqueles que carregam um fardo grande demais. Durante um desses temporais, o pai de Macabéa voltava para casa após um dia de trabalho.

Os pais não sabiam o que esse nome significava. Achavam bonito o som das letras juntas. MAAA – CAAA – BÉÉÉ - A!

“Há de ser um nome chique.”

Mal sabiam que era nome de gente sofrida. Gente que só foi tratada como gente no momento da partida. Nossa Macabéa não é como a Macabéa de Clarice, mas ambas têm algo em comum: o direito ao grito [porém, elas não sabem gritar. Então, gritamos nós.

Quando estava a poucos metros de casa, começou um tiroteio. O motivo é irrelevante. Na verdade, pouco importa. O que importa é que o pai da menina estava lá, a poucos metros de casa e um tiro, desses sem motivo, o atingiu. Mais um estrondo em meio a tantos. Morreu.

Morreu como bicho. Cansado, depois de um dia buscando comida para suas crias, foi atingido por um golpe do predador – mas nesse caso, ninguém se interessava por sua carne: ele ficou lá, no chão, na chuva, em meio a tiros e trovões. Carcaça de bicho morto. Até o sol raiar e os olhos ajuntarem-se ao redor.

E a família? Eles (Macabéa, seus irmãos e sua mãe), acuados dentro de casa. Feito bichos. Escondendo-se do fogo e da água, que as paredes nem as telhas seguravam, esperavam pelo p(P)ai.

Quando o dia raiou, tiros e raios deram trégua. A favela foi abrindo os olhos e espiando, pelas frestas redondas deixadas nas paredes, o estrago que homem e natureza tinham causado. Se é homem humano quem faz isso, não sei. Talvez, o Mal há. Por gritos agonizantes, aquele interstício de silêncio logo foi rompido. Em direção à sua casa, berravam:

“Cumadre! Cumadre! Não pode ser verdade, cumadre!”

Pois era! Sempre é.

A mãe pediu para que Macabéa ficasse com os irmãos dentro de casa e saiu. O do meio, teimoso que era, foi correndo atrás. Viu o pai. No chão. Sem vida. Não havia mais sangue: como na selva, a chuva já tinha lavado. Agora, o corpo seria lavado por outra água: a do pranto da mãe e dos filhos. Não havia mais pilar, nem norte. Perdidos.

“Foi tiro dos homi, cumadre!” Que homens?

“Dos policia, cumadre!”

* Graduada em Letras pelo Centro Universitário de Maringá. Endereço eletrônico: carolinasouzamg@gmail.com.

Que homens? Quem é quem? À mãe nada importava. De que importa de onde veio o tiro?: O p(P)ai já não havia mais. E ao irmão, aquela frase foi a semente de todo ódio. Sua história começava naquele instante com um 'não':

“Mãinha, o papai vai acordar?”